

CONTOS DE BRUXAS: NARRATIVAS SOBRE MADRASTAS

Jéssica Becker Moraes¹

Vanessa Soares Maurente²

RESUMO

A pesquisa está dedicada a ouvir e recontar histórias de quem exerce (ou exerceu) o papel de madrasta. Objetiva-se discutir a estigmatização do papel familiar de madrasta a partir dos contos infantis. Como apporte teórico, utilizam-se conceitos de autoras feministas, como as figurações de Donna Haraway e a teoria da bolsa da ficção científica de Ursula Le Guin. A metodologia é a cartografia, que permitiu, como resultado, a criação de uma história ficcional de uma madrasta que evidencia relações de afeto, de poder e de cuidado.

PALAVRAS-CHAVE: *madrasta, narrativa, figuração, cuidado.*

¹ Psicóloga e Advogada. Mestrado em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Atualmente, é psicóloga organizacional na Procuradoria Geral do Estado do Rio Grande do Sul. Pesquisa sobre relações de gênero e familiares a partir de uma perspectiva feminista. Orcid-ID: <https://orcid.org/0009-0008-2034-6881>. E-mail: adv.jessicabecker@gmail.com.

² Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Informática na Educação e Professora do Instituto de Psicologia da UFRGS. Coordena o Núcleo de Ecologias e Políticas Cognitivas (NUCOGS/UFRGS). Orcid-ID: <https://orcid.org/0000-0003-1340-3450>. E-mail: vanessamaurente@yahoo.com.br.

WITCH TALES: NARRATIVES ABOUT STEPMOTHERS

ABSTRACT

The research is dedicated to listening to and retelling stories of those who play (or have played) the role of stepmother. The aim is to discuss the stigmatization of this familiar role on fairytale. As a theoretical contribution, concepts from feminist authors are used, such as the figurations of Donna Haraway and the Carrier Bag Theory of Fiction of Ursula Le Guin a. The methodology is cartography, which allowed, as a result, the creation of a fictional story of a stepmother that highlights relationships of affection, power and care.

KEYWORDS: *stepmother, story, figuration, care.*

ERA UMA VEZ: INTRODUÇÃO

Vilanizadas nos contos infantis, invisibilizadas na literatura sobre a dinâmica familiar: ser madrasta é uma experiência, ao mesmo tempo, única e compartilhada pelas mulheres que se aventuram nesse papel. Neste artigo, a madrasta é tomada como uma figuração (HARAWAY, 1997) no movimento de tensionar as narrativas associadas a ela - e criar outras. O madrastar é, como o maternar, uma história que acontece no dia a dia, dentro de casa, na relação entre a mulher e a criança. Como criança, leia-se bebê, criança, adolescente e até adulto, desde que esteja inserido nessa relação de papéis familiares. São histórias pouco contadas e encantadas. Úrsula Le Guin (2020) diz que é difícil contar histórias interessantes sobre o cuidado cotidiano, mas não impossível. Em contraposição às histórias de bravura, heroísmo e morte, as histórias que alimentam, cuidam e encantam, podem, igualmente, emocionar e compor significados novos para pensar relações múltiplas e inventivas.

Era uma vez... iniciam os contos de fadas, nos quais as bruxas e madrastas tem um papel secundário e antagonista - histórias que inundam o imaginário infantil. João e Maria viviam em uma família pobre, com seu pai e sua madrasta. Na falta de pão para todos comerem, a madrasta convenceu o pai de que a solução seria abandonar as crianças na floresta. João usou o pão que tinha para fazer marcações pelo caminho, mas os passarinhos comeram o pão e as crianças perderam o rumo de casa. Depois de vagarem pela floresta, encontraram uma casa cheia de doces e um simpático senhorzinho, que as convidou para entrar e se alimentar. Na verdade, era um bruxo que queria que engordassem para se alimentar delas. As crianças conseguiram se livrar do bruxo e, na fuga, levaram pedras preciosas para seu pai. Quando chegaram em casa, a madrasta já havia morrido. A família nunca mais passou fome e foram felizes.

Branca de Neve era uma jovem princesa, órfã de mãe, que tinha uma madrasta vaidosa. Todos os dias, a rainha perguntava ao seu espelho mágico qual era a mulher mais bela do reino. Quando o espelho, ao invés de dar o título à rainha, disse que Branca de Neve era a mais bela, a rainha mandou matar a enteada. A caçadora entregou à rainha o coração de um animal e ajudou a moça a fugir pela floresta, onde ela conheceu sete anões e foi acolhida por eles em sua casa. Ao saber que havia sido enganada, a rainha fez um feitiço e, transformando-se em uma velhinha, ofereceu uma maçã envenenada a Branca de Neve, que desfaleceu. A mocinha foi salva por um beijo de um príncipe desconhecido,

que a viu no velório. O amor desfez o feitiço, a madrasta morreu e o casal foi feliz para sempre.

Cinderela era filha única. Quando sua mãe faleceu, seu pai casou-se com uma senhora, que tinha dois filhos homens. Na dinâmica da casa, a madrasta estabeleceu que Cinderela deveria fazer todo o trabalho, enquanto ela e seus filhos desfrutavam das regalias. No dia do grande baile, no qual o príncipe do reino iria escolher sua nova esposa, Cinderela foi proibida de ir. Mas, ajudada por sua fada madrinha, Cinderela foi ao baile e apaixonou-se pelo príncipe, e ele por ela. Na saída, ao fim do encanto, ela deixou para trás um sapatinho de cristal, que foi usado pelo príncipe para reencontrar sua amada, batendo de casa em casa. Apesar das tentativas da madrasta de evitar, o príncipe encontrou Cinderela, os dois se casaram e foram felizes para sempre.

Em comum, histórias de um lugar distante, personagens da realeza, jovens inocentes e indefesos, pais omissos, mães falecidas e madrastas más. A madrasta mesquinha, a madrasta vaidosa e a madrasta abusiva povoam o nosso imaginário desde a mais tenra infância. Não há, em todas as histórias infantis comumente contadas, uma única madrasta boa^[1] – nem uma única mãe “má”. Além disso, há uma pitada de provocação ao mudar o gênero das personagens secundárias bruxo, caçadora e filhos da madrasta³, colocando em xeque alguns estereótipos de gênero. Então, a história parece mais verossímil e moralmente aceitável quando a Cinderela fazia o trabalho doméstico sozinha enquanto os homens jovens da casa descansavam.

Os contos de fadas clássicos exploram sentimentos comuns, como a raiva, a tristeza, o medo, o ciúme, a ambição, o amor e a alegria; falam também sobre atitudes, como a vingança, a coragem, a obediência, a honestidade e a amizade, oferecendo soluções para os problemas das protagonistas. Através das histórias, as crianças podem se conectar com esses sentimentos e atitudes, permitindo que se envolvam com o enredo e se comovam com a sorte das personagens (RESSURREIÇÃO, 2010). E, apesar de retratarem reinos distantes, elas servem como guias morais (OLIVEIRA; MELLO, 2016).

A construção das personagens dos contos de fadas é bastante simplificada: quem é bom é sempre bom e quem é mau só faz coisas más. Sobra, então, às madrastas, serem

³ Ainda ressaltando as lógicas discursivas por trás da caracterização das personagens, os “filhos da madrasta” da Cinderela são também “enteados do pai” da protagonista, sem que isso seja trazido à tona no conto.

más. Sobre a posição da madrasta nos contos infantis, reflete Elizabeth Church (2005, p. 23):

A figura da madrasta maldosa sinaliza para os atos e sentimentos que as mães não devem ter em relação aos filhos: ciúme, raiva e falta de amor. Em geral, as madrastas más são as únicas mulheres dos contos de fadas a deter algum poder, muitas vezes na condição de bruxas. As heroínas, por outro lado, são passivas e doces. Assim, as madrastas maldosas constituem um vigoroso exemplo de como não se deve ser. E, como no final das histórias as vilãs sempre são prejudicadas, os relatos podem ser interpretados como lições de moral para as mulheres ansiosas por transpor as barreiras do comportamento considerado aceitável.

Nas histórias onde há madrastas, o pai é omissos, ausente ou enganado. O oposto do protagonismo dos personagens masculinos, onipresente em todas as épocas mundo afora. Por que não agem, protegendo suas crianças?

Indiana Oliveira e Magda Mello (2016) pesquisaram as percepções infantis diante dos contos de fadas que colocam as madrastas como más e os pais como omissos, relatando que as crianças culpam as madrastas pela sorte das personagens e não atribuem responsabilidade alguma aos pais. Apontam que isso se deve à responsabilização feminina pela criação dos filhos e sugerem que a desconstrução da imagem de vilã de contos de fadas é necessária para a saúde das configurações familiares futuras.

Luiza Brandão aponta que os contos infantis exploram a beleza como elemento central para a caracterização das personagens: para as protagonistas bondosas, beleza e juventude; para as antagonistas, feiura e velhice. Assim, “a beleza é amplamente utilizada como ferramenta para que se crie um sentimento de empatia pela personagem, reforçando quais mulheres devem ser objeto de afeto e cuidado e quais devem ser objeto de desprezo” (BRANDÃO, 2023, p. 65). E não é qualquer beleza: é uma beleza jovem branca europeia - e também magra e sem deficiências. Espelhando-se nas protagonistas, reforçam-se os imaginários de como as meninas devem ser - belas, frágeis e obedientes - em contraposição às bruxas - velhas, invejosas, ativas e autoritárias. Dessa forma, se faz a associação entre madrastas e bruxas nos contos, que se equivalem em monstruosidade.

Em português, a palavra madrasta ainda tem a sonoridade de “má”, sinônimo de malvada. Entretanto, o “ma” tem a mesma raiz de mãe e maternar, o *mater*, em Latim. Em espanhol, por exemplo, *madrasta* fica muito mais parecido com *madre* - mãe. Aqui no Brasil, tem sido comuns as tentativas de desassociar madrasta e maldade com outras expressões, como madrinha (comum na vivência lésbica há algumas décadas), mäedrasta e boadrasta. Stefania Gomes e Daiane Bitencourt (2019) realizaram uma análise do termo

madrasta e do neologismo “boadrasta”. Em sua pesquisa, partiram dos contos de fadas, dialogando com notícias de jornal e com um guia de boas práticas para exercer o papel de “boadrasta”. Elas explicam que a palavra é formada a partir de um *blend* semântico, que ocorre quando o nosso conhecimento de mundo gera a necessidade de substituir um segmento fonológico, gerando um novo efeito de significado, oposto ao original. As autoras concluem, porém, que “o termo boadrasta não consegue apagar o sentido negativo dessa figura, [...] [pois] não tem força discursiva suficiente para apagar a historicidade negativa atribuída à figura” (GOMES; BITENCOURT, 2019, p.162).

É preciso, por tudo isso, contar novas histórias. Outras nas quais não seja necessário atribuir o mal a alguém, a uma mulher passível de ser culpabilizada pelos acontecimentos. Outras nas quais várias personagens femininas tenham protagonismo. Outras nas quais pais sejam participativos. Outras nas quais mães não precisem estar mortas para permitir que madrastas tenham espaço. Outras que questionem estereótipos de gênero. Outras que valorizem mulheres de todas as idades. Histórias sobre cuidado e com cuidado.

FIGURAÇÕES MADRÁSTICAS

Donna Haraway, ao longo de sua obra, defende que a produção de conhecimento é uma prática política e que, portanto, o reconhecimento da perspectiva parcial de quem pesquisa é o que permite a objetividade. Ao contrário de uma ciência pretensamente isenta, a autora nos convida a explicitar posicionamentos e, a partir daí, subverter sentidos e produzir mundos (HARAWAY, 1995). Ela faz isso através das *SF*, sigla cunhada para se referir a diversas expressões – *science fiction*, *speculative futures*, *speculative fabulation*, *science fantasy*, *speculative fiction, so far* – que se encontram e se relacionam nesse movimento de pensar e criar mundos (HARAWAY, 2016).

Haraway aplica as *SFs*, por exemplo, quando utiliza a figura do ciborgue: um híbrido entre máquina e organismo que torna ambígua a diferença entre o natural e o artificial. Com ele, a autora questiona a relação com a tecnologia e propõe a quebra de dicotomias como homem e mulher, mente e corpo, público e privado. O ensaio “Manifesto Ciborgue” critica os movimentos identitários, nos quais não há espaço para a diversidade, e convida à apropriação politicamente responsável da ciência e da tecnologia (HARAWAY, 1985/2019). A ciborgue é uma filha ilegítima da tecnociência, que se volta

contra o pai e questiona a própria tecnociência, evidenciando suas ambiguidades. Ao seu modo, a madrasta é um produto da família moderna que vai desajustar os papéis dentro da família, questionando e subvertendo o modelo, as funções e as míticas familiares.

A ideia de subverter mundos é especialmente importante nessa pesquisa. Ao utilizar as figurações, é iniciado um processo de desarticulação de modos estáveis de relação com as violências instituídas pela lógica moderno-colonial. Ao narrar outras existências, as possibilidades se expandem:

É importante o que usamos para pensar em outros assuntos (com); importa quais histórias contamos para contar outras histórias (com); importa que laços laceiam laços, que pensamentos pensam pensamentos, quais vínculos vinculam vínculos. Importa que histórias fazem mundos, que mundos fazem histórias. (HARAWAY, 2013, s.p.)

Evocam-se a potência das histórias, das imagens, dos sonhos, dos contos, das artes, das militâncias e dos saberes populares através das figurações. A partir delas, é possível discutir as materialidades e sociabilidades tecnológicas e científicas como estratégias ético-estético-políticas de deslocamento dos jogos narrativos que nos cercam. E então, numa espécie de realismo metafórico, contagiar os arranjos de singularidades dos nossos modos de existência (MAURENTE; COSTA; MARASCHIN, 2022).

As figurações representam certo deslocamento do literal e do cotidiano:

As figurações representam certo deslocamento do literal e do cotidiano que problematiza identificações e certezas, na medida que são “imagens performativas que podem ser habitadas.” (HARAWAY, 1997, p. 11).

No contexto da madrastidade, uma das imagens cristalizadas que habitam o imaginário é o da “mãe santa” ou “mãe perfeita”, um ideal a ser perseguido pela madrasta para se mostrar tão dedicada e abnegada quanto todas as mães biológicas “devem” ser. A madrasta, então, sofre uma pressão para estar disposta a qualquer sacrifício em prol do bem-estar das crianças e da família (CHURCH, 2005).

Nada é mais significativo sobre essa crença do que a personagem Virgem Maria, mãe de Jesus na cultura cristã. Ela, segundo a Bíblia, foi escolhida por Deus para gestar o filho dEle e aceitou sem questionamentos, demonstrando ser devota – ou seria obediente? –, mesmo que isso abalasse a possibilidade de casamento com José. Essa passagem é compartilhada por religiões cristãs e também pelo islamismo – neste, Jesus é considerado um grande profeta e Maria é considerada pura e virgem (Edison VEIGA, 2022).

Essa ideia de virgindade, apontam alguns historiadores, pode ter sido originada de um erro de tradução. Isso porque a notícia de que Deus enviaria um filho à Terra é do Antigo Testamento, de cerca de 700 a.C: “O Senhor lhes dará um sinal, uma virgem conceberá e vai dar à luz um filho, e colocará nele o nome de Emanuel” (Isaías), retomada no Evangelho de Mateus – que está no Novo Testamento. No entanto,

Mateus usava a versão grega do Antigo Testamento – e não o hebraico original da obra. Originalmente, a profecia se referia a essa jovem grávida como almah. Na versão grega, a palavra foi vertida para “parthenos”. Almah significa “mulher jovem”. Parthenos vai um pouco além: “jovem intacta”, ou seja, uma mulher nunca tocada sexualmente. (VEIGA, 2022)

Os dogmas da virgindade, devoção e impecabilidade de Maria atravessaram os séculos. Silvia Nunes (2000) analisa que a santidade de Maria foi criada em contraposição à pecaminosa Eva, no decorrer dos séculos de dominação cristã. Até o século XVII, a mulher era vista como irracional, emocional e impulsiva, como Eva, que sucumbiu ao diabo e gerou a expulsão do paraíso na história bíblica. A ligação da mulher com o mal levou a acontecimentos históricos, como a caça às bruxas na Inquisição. Já a partir do século XVIII, quando a burguesia precisava fortalecer a família nuclear e então restringir a mulher ao espaço doméstico e materno, a submissão da mulher passou a ser explicada e incentivada pela associação com Maria: abnegada, santa, recatada e, por isso, confiável *para cuidar das crianças*.

A madrasta, por sua vez, poderia ser Lilith: outra figura lendária, cujas referências atravessam os séculos. Lilith é tomada como a primeira mulher, criada junto com Adão, quando diz no livro inaugural do Antigo Testamento: “Então, Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. Deus os abençoou e lhes disse: — Sejam férteis e multipliquem-se!” (Gênesis 1:27). É apenas mais adiante na narrativa (Gênesis 2:18-22) que Eva é criada a partir da costela de Adão. Lilith seria, portanto, essa mulher desaparecida da Bíblia, mas que aparece na mitologia judaica e mesopotâmica. Nessas histórias recontadas há milênios, Lilith é geralmente retratada como aquela que fará mal às crianças, mas em outras histórias surge como protetora (VENTURA, 2023, s.p.). Ora bruxa, ora fada, tal qual madrastas do ocidente no século XXI.

FABULANDO MADRASTIDADES

Quando contamos uma história, seja de ficção ou de pretensa realidade, possibilitamos a quem nos ouve, ou lê, afetar-se por ela. Nesse movimento, podemos pensar nas conexões, padrões, jogos e narrativas que estabelecemos com as outras pessoas e erigir outras modulações, num movimento que Varela nomeou *breakdown*, ou colapso: uma experiência que nos faz sair de um modo de agir automatizado. Sobre o termo, explicam Verônica Gurgel e Virgínia Kastrup que

Por um lado, o *breakdown* nos destitui de nossa presteza e somos forçados a pensar, tomar decisões ou aprender novas ações. Por outro, ele gera uma abertura que possibilita a criação de novos acoplamentos e modos de operar. Assim, podemos nos reinventar, criando novas maneiras de viver. (2017, p. 1131)

Queremos, ao pesquisar a experiência de ser madrasta, provocar *breakdowns*, possibilitando a invenção de novas formas de perceber e vivenciar a experiência de exercer o cuidado das pessoas. Isso se mostra especialmente importante quando temos, na literatura, evidências de que as madrastas ficam com poucas referências de como se portar e de qual papel exercer, oscilando entre espelhar-se na figura da mãe e afastar-se das funções de cuidado (BORGES, 2007). No cotidiano, surge para elas a necessidade de lidar com expectativas, frustrações, fantasias, receios e idealizações construídas no relacionamento com o cônjuge e com as crianças-enteadas (DANTAS et al., 2019).

Essa confusão própria da experiência de ser madrasta repercute, inclusive, na literatura voltada para elas. O livro 100% Madrasta, de Roberta Palermo, apresenta um guia de etiqueta pós-separação, com orientações para as madrastas tais como “pode palpitar e opinar sobre a educação da criança, dirigindo-se exclusivamente ao pai, sem nunca interferir” e “enfrenta as saias-justas com os enteados na casa dos sogros, ou onde quer que seja, com um sorriso no rosto. Depois resolve em casa com o marido” (PALERMO, 2007, p. 226-227). Em outras palavras: silencie-se e finja que tudo está bem, sempre.

Na pesquisa desenvolvida foi feito o contrário: escutar o que está silenciado e erguer a voz para dizer o que não seria ouvido em outros espaços. A expressão “erguer a voz” dá nome à tradução em português de um livro de bell hooks (2019/1989) em que ela conta suas vivências como mulher negra em espaços de educação – como filha, aluna, colega, professora. Na publicação, ela convida as leitoras a quebrar o silêncio e, assim, conectar-

se com outras pessoas, em outros lugares, que também estão silenciadas. E, dentro do estereótipo da família nuclear, a madrasta ocupa um lugar silenciado, de quem deve se adaptar ao que está posto, já que escolheu estar naquele relacionamento sabendo da circunstância de que teria crianças-enteadas.

Firmando as bases da pesquisa nessas referências e dialogando com a cartografia (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015) e com a Teoria da Bolsa na Contação de Histórias (LE GUIN, 2020), foi criada uma história ficcional que permeia as discussões teóricas e ilustra as belezas e dilemas de ser madrasta e se deparar com temas como o casamento, o divórcio, a relação com as figuras masculinas da família, os papéis desempenhados, as questões raciais e o afeto pela enteada. Dois trechos, que ilustram a discussão, são expostos abaixo:

Liliana seguia incansável na tarefa de transformar aquele apartamento vazio em um lar. Vazio de móveis e cheio de lembranças – que não eram dela. Na verdade, eram fantasias de como Douglas e sua ex-esposa tinham sido felizes lá. Fantasias que ganharam tonalidades quando Lili encontrou uma caixa com fotos do ex-casal: de viagens, de momentos em família, da pequena Mel recém-nascida e do casamento. Ah, que casamento dos sonhos! Teve vestido, igreja, festa, lua de mel, flores, músicos, centenas de convidados. Tudo lindo, digno de novela. Lili imergiu naquele cenário e sofreu com cada detalhe. Era um deslumbrante triste. Numa anotação, Lili ainda encontrou os votos de casamento de Douglas: “És a mulher mais incrível que eu poderia imaginar. Estou pronto para todas as aventuras do teu lado. Para sempre”. Eram as palavras mais bonitas que Lili havia ouvido em um casamento. Ela conseguiu transportar-se para a cena: o noivo, segurando a mão da noiva, lhe prometia amor e parceria eternas. Nesse cenário, ela seria a garçonete, ou então aquela que não estava na festa, mas “pagou a conta” de quem se divertiu. Não teve coragem de jogar a caixa no lixo. Fechou-a, querendo esquecer que aquela história existiu.

...

Era feriado, daqueles no meio da semana. Também era o dia que Lili e Doug faziam quatro meses de namoro. Que intenso! Ela propôs uma tarde no parque, em família! Lili ficou na pracinha com Mel, enquanto Douglas foi buscar algo para comerem. Uma mulher sentou-se por ali e começou a puxar papo sobre maternidade. Logo, Mel se desequilibrou em um brinquedo e ralou os joelhos. Lili foi buscá-la e ofereceu seu colo, mas a menina negou: “Lili, quero ir pra casa do papai!”. A mulher da pracinha ofereceu água para colocarem no ferimento e questionou “Tua patroa vai ficar muito braba?”. Liliana, confusa com a situação, demorou alguns segundos a entender que aquela mulher concluiu que ela era a babá de Mel, já que não foi chamada de “mãe” e elas têm tons de pele diferentes. “Que audácia! Ela nem perguntou a nossa relação e já concluiu que sou babá! Racista!”. Por sorte, Doug chegou com a pipoca bem na hora e levou-as pra casa. Sorte de quem?

No primeiro trecho, a personagem depara-se com as recordações do casamento de seu namorado, vendo e imaginando os detalhes daquele momento único. No madrastar, é comum existir um fantasma do antigo relacionamento e uma (inevitável?) comparação. Até mesmo a convivência com enteados/as, que compartilham características físicas e de personalidade com seus genitores, pode alimentar as fantasias. No trecho seguinte, a madrasta age exercendo o cuidado da enteada e depara-se com a desconhecida na pracinha, que chega a conclusões racistas ao perceber que não havia vínculos biológicos entre Liliana e a criança que estava sob seus cuidados.

Quando nos propomos a ouvir, contar e criar histórias de madrastar, abrimos espaço para a reflexão: as figurações de Haraway nos inspiram a imaginar outros padrões de relação, produzindo *breakdowns* e colocando em xeque as expectativas sobre o comportamento feminino.

INSPIRANDO NOVAS HISTÓRIAS: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este “Conto de Bruxas” evidencia relações de afeto, de poder e de cuidado que podem existir - e existem! - na vida da madrasta, na sua relação com as crianças-enteadas e demais círculos em que ocupa esse papel social. Adstrita entre ser bruxa e ser mãe abnegada, a madrasta não encontra espaço, mas nós podemos encontrar inspiração para criar novas narrativas. Como figuração, a madrasta é um ponto de encontro - e de ironia - entre a falência do casamento e a aposta nos relacionamentos; entre o cuidado como um dever e o cuidado como uma peça fundamental da nossa organização social; entre o rechaço ao ideal de maternidade e a construção de outros maternares.

É preciso, por tudo isso, criar e repercutir histórias madrásticas.

com tudo isso. Não se pretende concluir, mas se convidar à ouvir e contar histórias.

Sobre o artigo:
Recebido: 09 de agosto de 2024
Revisado: 25 de outubro de 2024
Aceito: 25 de março de 2025

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Gênesis. Tradução Nova Versão Internacional (NVI). Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/129/GEN.1.27.NVI>. Acesso em: 1 ago. 2024.

BORGES, Fernanda Carlos. **Mulher do Pai: essa estranha posição dentro das novas famílias.** São Paulo: Summus, 2007.

CHURCH, Elisabeth. **Uma estranha no ninho.** São Paulo: Globo, 2005.

DANTAS, Cristina Ribeiro Teixeira et al. Repercussões da Parentalidade na Conjugalidade do Casal Recasado: revelações das madrastas. **Psicologia Clínica e Cultura**, vol. 35, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3545>. Acesso em: 20 out. 2022.

GOMES, Stephania Ariadna; BITENCOURT, Daiane Rodrigues de Oliveira. O lado sombrio do termo "MADRASTA": O funcionamento da memória discursiva. **Revista do Sell**, v. 8, n. 1, p. 146-163, 2019. Disponível em: <https://seer.ufsm.edu.br/revistaelectronica/index.php/sell/article/view/3745>. Acesso em: 12 dez. 2022.

GURGEL, Veronica Torres; KASTRUP, Virginia. Ressonâncias Entre a Abordagem da Enação e a **Psicologia Clínica. Estud. pesqui. psicol.** [online], vol.17, n. 3, p. 1122-1139, 2017.

HARAWAY, Donna.
ModestWitness@Second_Millenium.FemaleMan©_Meets_OncoMouse™: Feminism and Technoscience. New York and London: Routledge, 1997.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: Tomaz Tadeu (org.). **Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. (Originalmente publicado em 1985)

HARAWAY, Donna. SF: Science Fiction, Speculative Fabulation, String Figures, So Far. Trad. Thiago Mota Cardoso e Luiza Dias Flores. **Ada: A Journal of Gender, New Media, and Technology**, n. 3. 2013.

HARAWAY, Donna. **Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene.** Durham and London: Duke University Press, 2016.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra.** Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019. (Originalmente publicado em 1989)

LE GUIN, Ursula K. **The carrier bag of fiction.** [s.l.]: Ignota Books, 2020.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>. Acesso em: 4 fev. 2023.

MAURENTE, Vanessa; COSTA, Luis Artur; MARASCHIN, Cleci. Ensaios para figurações: indústria do gênero e ilhas dos afetos. **Mnemosine**, v. 18, n. 2, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/mnemosine.2022.71184>. Acesso em: 10 out. 2022.

NUNES, Silvia Alexim. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

OLIVEIRA Indiana; MELLO Magda Medianeira de. A imaginação das crianças diante do papel da madrasta nos contos de fadas. **Diaphora**, v. 5, n. 1, 2016. Disponível em: <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/120>. Acesso em: 11 mar. 2023.

OLIVEIRA, Thais Gomes de; MAURENTE, Vanessa. Entre histórias, entre mãos: reverberações de uma oficina de uma-a-uma. In: **Oficinando em Rede: co-habitar tempos impossíveis**. Rio de Janeiro: ABRAPSO, 2023.

PALERMO, Roberta. **100% Madrasta: quebrando as barreiras do preconceito**. São Paulo: Integrare, 2007.

PASSOS, Eduardo.; KASTRUP, Virgínia.; ESCOSSIA, Liliana da. (orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. Disponível em: <https://desarquivo.org/sites/default/files/virginia-kastrup-liliana-da-escossia-eduardo-passos-pistas-para-o-metodo-da-cartografia.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2022.

RESSURREIÇÃO, Juliana Boeira da. **A importância dos contos de fadas no desenvolvimento da imaginação**. Disponível em: http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/ensiqlopedia/outubro_2010/pdf/a_importancia_dos_contos_de_fadas_no_desenvolvimento_da_imaginacao.pdf. Acesso em: 10 mar. 2023.

VEIGA, Edison. Maria: como nasceu o dogma da virgindade da mãe de Jesus? **BBC News Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-60863750>. Acesso em: 23 mar. 2023.

VENTURA, Dalia. Quem foi Lilith, 'primeira mulher de Adão', e por que ela renunciou ao Paraíso. **BBC News Brasil**. 2023. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy0rx10e28po>, acesso em 10/04/2023.